

QUARTO ABSOLUTO

Num qualquer outro tempo; não este.

Uma cama, um chuveiro, um lavatório, uma janela, uma porta. Uma mulher, um homem.

ELA- Conheço-o apenas há dois dias, é isso que sinto, exatamente: conheço-o há dois dias. E gosto de conhecê-lo nessa quantidade. Gosto. Faz-me sentir bem. O normal é sentirmo-nos bem. É isso que conhecê-lo me faz.

Tem duas mãos, tal como eu as tenho. Estas que o tocam, que o tocaram estes dias. Não quero sair daqui. Quero visitá-lo; a ele. Ele visita-me. E somos dois, na cama deitados ou sentados. Gosto de sentar-me na cama. Gosto de estar sentada na cama e conversar sobre isso mesmo. O presente absoluto. Mesmo quando divagamos sobre o que foi feito, momentos antes, tudo isso é presente. É ainda presente. Não vi nem falei a mais ninguém, não ouvi qualquer outra pessoa. A última é ele, em tudo.

Ele desce até aqui ao meu quarto.

(Ele bate à porta. Ela abre)

Não adivinho o que acontece, mas sei. Sei que ele vai entrar e sentamo-nos na cama. *(Ele entra e os dois sentam-se na cama)*. Despimo-nos e tudo vai ser como, digamos, um devaneio vulgar. No entanto, o meu corpo nu perto do seu corpo nu assemelha-se a um devaneio concreto. Há sentido na

minha nudez. Não é cómica nem vulgar. É minha, a nudez, totalmente.

Ele vem até aqui e a beira da cama é o abismo do mundo. Eu sou o abismo no qual o meu corpo encontrou lugar.

Somos dois seres despidos e sentados na beira da cama, à espera que um caia para que o outro se deite. Agradeço pelo meu corpo que o recebe. Agradeço o corpo dele que nos recebe.

(Ele levanta-se)

Já não estamos nus no abismo do mundo. Ele decidiu entrar pelo mundo dentro. Bate a porta do quarto; ele sai. Pum. *(Ele não sai de facto, apenas caminha)*

Pãezinhos, só isso, foi o que trouxe do mundo: pão pequeno. Despe-se, senta-se. *(Ele despe-se e senta-se aos pés da cama enquanto Ela o diz)*

Sento-me perto do corpo que Ele me empresta. Comemos o que trouxe lá de fora. O corpo quente dele aquece-me ainda mais.

A minha casa é gelada. Eu sou gelada. Sempre. Vejo os meus braços, a pele, quando tomo banho. De resto estou sempre coberta, ainda assim fria. Lentamente vou habituando o meu corpo a não ter frio neste quarto aquecido.

Quando ele se mexe sei que de costas não o reconheço. É um qualquer no meu quarto. Mas não é, é ele, apenas está de costas.

Ele sai. *(Ele sai do quarto)*

Qual o sentido de estar nua se ele não está aqui?

Visto-me. *(Veste-se)*

Vou até ao bar. *(Não é apresentado aqui algum bar; apenas Ela que caminha, sai pela porta, volta a entrar enquanto diz o que tem a dizer)*

Está vazio. O empregado é simpático. Bebo uma cerveja e arrumo com isto. De volta ao quarto. Na recepção dizem que ele ainda não voltou. Talvez tenha ido a um bar cheio de gente. Fica-se mais tempo quando os lugares estão cheios de pessoas. Ou não. Depende dos dias e dos lugares, talvez. Não sei.

Vou esperar que ele chegue. Gosto de esperar por ele quase tanto, ou talvez o mesmo, como gosto de estar sentada aos pés da cama com ele.

Ligo novamente para o quarto dele. Chama. Não responde. Saio do quarto, no corredor está mais frio. Gelo em meio segundo. Subo. Ele não está no quarto. Espero. Não, vou para o quarto.

Tiro a roupa. Imagino que ele está a ver-me. Como seria bom que me apreciasse enquanto me dispo. Deito-me nua. Adormeço. Acordo com o telefone. É ele.

Digo-lhe: Desce

Visto-me em fúria

Ele desce. Abro a porta. Vestida.

Ele entra (*Ele entra de facto*)

Digo-lhe:

Estava sem roupa enquanto esperei por ti mas

Liguei para o teu quarto. Antes liguei para a recepção

Vesti-me para abrir a porta. Não queria que pensasses que me despi para abrir a porta

Ele sorri-ME.

Tiro a roupa para que Ele me veja. Sento-me na cama (*Ela senta-se na cama*)

Adormecemos, pouco nos tocamos. (*Deitam-se. Pausa*)

Conheço-o há dez dias. Ele está mesmo aqui deitado. Gostaria de tocar-lhe, mas acorda de certeza. Ele sente-me como o sin-

to. E depois nada, nada de todo. É agora e foi agora.
Lá naquela minha casa eu sou passado. Na minha casa já
crescida, crescida antes de mim. Aqui não cresço; aqui aque-
ço-me. E vejo a cor da minha pele. E a dele. Porque este
quarto é quente e sem histórias, minhas. É isto. É agora e com
ele ali deitado e comigo a olhar para ele.

(Ele acorda)

Ele acordado a olhar para mim.

Não quero falar-lhe. Gosto de pensá-lo enquanto me olha.
E eu sorrio para não ter de falar. Estou a pensar sobre ele.
Ocupa-me completamente. Por isso não posso falar.

Ou falo ou penso.

Prefiro pensá-lo.

Ele levanta-se e senta-se ao pé de mim. Tocámo-nos. A certe-
za que os corpos existem; é isso tocar. Mesmo sem passado,
em desconhecimento total. Chega-me o seu corpo. Não lhe
basta o meu corpo. Mas aceita.
É gentil.

*(Ele afasta-se, veste-se e sai apressado enquanto Ela o obser-
va.)*

Dispo-me. *(Ela despe-se)*

É isto que não vês agora.

Ele diz-me Isto é demasiado

E eu... Demasiado quê?, pergunto-lhe. Ele diz-me que tudo é
Demasiado, excessivo. Estar contigo. Estar contigo é denso
Pergunto-lhe se é difícil e Ele diz-me que não. Denso.

E não entendo

Denso, é denso. Ocupa tudo. Diz Ele.

Toma banho aqui, por vezes. No meu quarto. E o meu cheiro entranha-se na pele dele e no cabelo dele.

Não quero que tenhamos o mesmo cheiro. Somos dois corpos, sempre. O cheiro, o mesmo, confunde. Preciso de um cheiro que seja só meu.

Para mim, meu. Um sabonete novo, talvez procure um.

(Ela deita-se na cama, cobre-se. Pausa.)

(O quarto está agora escuro. Batem à porta. Ela levanta-se e abre.)

Um Homem- ELE morreu.

ELA- Quem?

Um Homem- Ele

ELA- Mas ele quem?

Um Homem- Ele, aquele que saiu daqui com vida

ELA- Qual o nome d'ELE?

Um Homem- Não sabemos. Tentamos. Mas não sabemos. É Ele. *(Pausa)*

Agitações menores pelas ruas. Tudo parecia controlado.

Não se avistavam rebeldes.

Ele, segundo consta, meteu-se numa fila. Alguém nessa fila estava armado. Ele levou um tiro. E então morreu. O atirador escapou. Ninguém percebia nada. Apenas perceberam que ele estava caído quando estava já morto.

(Pausa)

Portanto, ele morreu.

Quer vê-lo?

ELA- Fico aqui.

(Um Homem vai embora. Ela fecha a porta, afasta-se, vai até à

cama. Despe-se, deita-se.)

ELA- O cheiro do meu sabonete (*cheira-se*)

Deixar-te inscrito nas palavras é criar ausências e vazios. Há o que és. E o que me és. Resta o que foras. Qual a existência que conta? Qual transpor?

Inscrever a mentira na palavra significa torturar até à decomposição obscura a palavra que Te diz, que Te revela.

Veio alguém e então matou-te. Restas-me palavra.

E cheiro

Com estas palavras sustento a ausência dele. E o quarto, este que vedes, sustenta a minha ausência no mundo

Ter-me-ão de chegar os cheiros e o vazio do início do fim da tristeza